

# O SIGNIFICADO DE GÊNIO MILITAR EM CLAUSEWITZ\*

IGOR MACHARETT BAPTISTA\*\*  
Segundo-Tenente

---

## SUMÁRIO

Introdução  
As características do gênio militar em Clausewitz  
A legitimidade da posse do gênio  
Conclusão

## INTRODUÇÃO

A genialidade, quando se trata da mente humana, se vincula à qualidade de genial, adjetivo relativo ou próprio de gênio, normalmente considerado um indivíduo de extraordinária potência intelectual. Contudo a definição retirada do *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* não é capaz de esclarecer por completo a complexidade e os sig-

nificados polissêmicos do que vem a ser a genialidade ou o gênio. Do mesmo modo, tal definição não permite perceber a historicidade do termo, ou seja, as possíveis variações que este experimentou em distintos contextos e épocas.

O conceito atual de gênio pode ser diferente do que já foi no passado, sendo uma construção das várias sociedades e tratadistas ou filósofos ao longo dos anos. É a cultura de uma sociedade que

---

\*Artigo baseado em Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da Escola Naval (2021), sob a orientação do Capitão de Fragata (IM) Marcello José Gomes Loureiro.

\*\* Serve no Navio-Patrolha Oceânico *Apa*.

delimita o que é ser gênio e quais são suas características.

Carl von Clausewitz foi um militar do Reino da Prússia que chegou ao posto de oficial-general e foi diretor da Academia Militar de Berlim. Escreveu, no início do século XIX, o livro *Da Guerra*, no qual expôs suas ideias e experiências de guerra. Em geral, sob risco de um reducionismo contundente, o livro é sintetizado na máxima de que “a guerra é meramente a continuação da política por outros meios” (CLAUSEWITZ, 1984, p. 91).

Sua contribuição para a definição de gênio militar se torna muito importante em estudos sobre a arte da guerra, esboçando a ideia de como eram travadas as batalhas no final do século XVIII e início do século XIX. Também permite nos aproximarmos daquilo que se transformou e permaneceu na conduta e compreensão acerca da guerra, bem como das motivações políticas do autor ao se debruçar sobre a conceituação de gênio.

Diante dessa breve introdução, o presente artigo busca explorar as características do gênio militar propostas por Clausewitz em *Da Guerra*. Assim, o artigo também acaba por realizar uma análise sobre os valores da sociedade na qual o autor estava inserido, sob a hipótese de que sua obra está imbuída de tais valores. A principal fonte primária para a construção deste texto é a própria obra de Clausewitz. Já as principais fontes secundárias (bibliográficas) de pesquisa foram os livros: *Uma história da guerra*, de John Keegan; *Dicionário crítico da Revolução Francesa*, de François Furet e Mona Ozouf; e o artigo “Na perda de opinião, arrisca-se um reino: historiografia, guerra e opinião coletiva no Antigo Regime”, de Marcello Loureiro. O propósito é, então, entender um pouco mais sobre esse gênio militar, da maneira como é abordado por Clausewitz.

## AS CARACTERÍSTICAS DO GÊNIO MILITAR EM CLAUSEWITZ

Para o início da análise do significado do gênio militar para Clausewitz, é necessário começar explorando as características que o autor definiu para tal indivíduo, com a própria definição de gênio propriamente dito:

Para que qualquer atividade complexa seja realizada com qualquer grau de virtuosismo, exigem-se dons adequados de inteligência e de temperamento. Se eles forem acima do normal e revelarem-se em realizações excepcionais, aquele que os possui é chamado de “gênio”. (CLAUSEWITZ, 1984, p. 107)

De fato, a guerra sempre foi uma atividade de extrema complexidade, que mobiliza muitos recursos materiais e humanos. Sobre tudo a partir do século XIX, os protagonistas da guerra são os Estados. Do mesmo modo, principalmente a partir de então, tornou-se indispensável seu estudo de forma prévia, para fins de planejamento logístico, estabelecimento de estratégias e utilização de diversas táticas e equipamentos. Ao longo dessa centúria, a guerra se complexificou sobremaneira, em função dos efeitos da Revolução Industrial, bem como dos tratados produzidos sobre ela, mais aprofundados agora nas áreas da Física, Estatística, Engenharia e Meteorologia, entre outras. Guerra e ciência se aproximaram de modo biunívoco.

O general prussiano mostra, também, que sua definição de gênio não se diferenciava muito do que é proposto pelo senso comum e desvincula o seu entendimento do campo da Filosofia ou da Epistemolo-

gia, alegando conhecimento especial na área, conforme o trecho transcrito abaixo:

Mas como não nos arrogamos qualquer conhecimento especial em filosofia ou em gramática, pode nos ser permitido empregar a palavra com seu significado comum, em que “gênio” refere-se a uma aptidão mental muito desenvolvida para uma determinada ocupação (CLAUSEWITZ, 1984, p. 107).

Mas, afinal, o que vem a ser um gênio militar? É o que Clausewitz introduz na seguinte frase: “(...) o que devemos fazer é examinar todos aqueles dons da mente e do temperamento que se encontram reunidos na atividade militar. Estes, considerados em conjunto, constituem *a essência do gênio militar*” (CLAUSEWITZ, 1984, p. 107).

Diante disso, pode-se concluir que, para Clausewitz, o gênio militar é um indivíduo que possui dons característicos de seu intelecto, parte da mente governada pelo raciocínio lógico, e de seu temperamento, governado pelas suas emoções, propriamente voltados para a guerra. Não seria correto examinar um desses dons que não fosse referente à atividade militar em si, já que estamos examinando o conceito de gênio propriamente militar. Para além, tais habilidades humanas devem ser consideradas em conjunto, ou seja, devem coexistir e não devem ser conflitantes com outras.

## ***Características Essenciais***

Conforme assinalado anteriormente, os dons específicos do gênio militar são separados por Clausewitz entre o desenvolvimento intelectual e o temperamento de um soldado. Para explorar o significado de gênio, é preciso conhecer esses dons.

A necessidade de um desenvolvimento intelectual do soldado se dá pelo fato de a guerra ser o reino do perigo, do acaso e da incerteza, o que é repisado diversas vezes na obra pelo autor. Para que o gênio pudesse chegar à verdade, ou seja, descobrir as decisões corretas a serem tomadas durante a guerra, seja na batalha ou em sua preparação, seria necessário ter inteligência

acima da média, pois só isto faria o militar enxergar a verdade. O temperamento é a parte da mente governada pelas emoções. São elas que normalmente apoiam as nossas decisões, guiam nossas ações e nos permitem suportar as diversas formas de sofrimento que a guerra causa. Os dons explorados por

Clausewitz se baseiam fortemente nessas duas dimensões da mente humana.

## **A coragem**

A coragem, como Clausewitz afirma, pode ser tipificada de duas formas; porém a que é explorada pelo autor é a coragem diante de um perigo pessoal, possuindo duas subdivisões:

Pode ser a indiferença ao perigo, que pode ser devida ao temperamento

**O gênio militar é um indivíduo que possui dons característicos de seu intelecto e de seu temperamento, propriamente voltados para a guerra**

***Clausewitz***

do indivíduo, ao fato de ele considerar que a sua vida tem pouco valor, ou ao hábito. [...] Por outro lado, a coragem pode ser decorrente de motivos positivos, como a ambição, o patriotismo ou um entusiasmo de qualquer tipo. (CLAUSEWITZ, 1984, p. 108)

O primeiro tipo é estabelecido pelo autor como sendo característico de uma situação permanente; enquanto o segundo, temporário, é o que concede confiança maior naqueles que possuem o primeiro tipo de coragem. Por outro lado, é o segundo tipo que estimula o soldado a lutar, já que este terá motivo ou razão para lutar e não apenas será corajoso por não dar valor à vida, o que também pode cegar o seu senso de perigo. Então, seria interessante uma combinação dessas coragens em um soldado, e, segundo Clausewitz, “o tipo mais sublime de coragem é a combinação dos dois tipos” (CLAUSEWITZ, 1984, p. 108).

### Coup d’oeil

Trata-se de uma expressão francesa traduzida por “golpe de olho”, normalmente considerada habilidade bastante expressiva pelo Imperador Napoleão Bonaparte. “O conceito refere-se meramente ao rápido reconhecimento de uma verdade que normalmente a mente não perceberia, ou só perceberia após um longo estudo e reflexão” (CLAUSEWITZ, 1984, p. 110).

Atualmente, poderíamos dizer que se trata de ter um lampejo da verdade, um *insight*, seja no meio de uma batalha, ao ter uma ideia brilhante sobre a tática a ser adotada após um rápido olhar sobre o campo,

seja numa situação de planejamento estratégico antes de uma batalha. De qualquer jeito, é a forma de saber o que fazer mesmo nas horas mais sombrias da guerra.

### A presença de espírito

A presença de espírito é um dom que se explica pela seguinte frase: “Esta deve desempenhar um papel mais importante na guerra, o domínio do inesperado, uma vez que nada mais é do que uma capacidade ampliada de lidar com o inesperado” (CLAUSEWITZ, 1984, p. 111).

O dom refere-se à velocidade com que uma pessoa reage à situação de perigo ou a algo inesperado. Como a guerra é cenário de diversos acontecimentos inesperados, a presença de espírito é dom que dá certa

vantagem ao homem que a possui, pois não é nada interessante agir após uma longa reflexão sobre diversos acontecimentos simultâneos durante uma batalha.

**O dom refere-se à  
velocidade com que uma  
pessoa reage à situação  
de perigo ou a algo  
inesperado**

### A determinação

A determinação vista como expressão da coragem é o dom que permite à pessoa não hesitar em agir como é necessário perante perigo ou dúvida, que faria muitos refletirem longamente sobre suas ações. Porém adverte que uma pessoa não pode ser considerada determinada se ela não corre perigo, nem se ela nunca passou por uma dúvida por já possuir as respostas em suas mãos, conforme sublinha: “(...) o papel da determinação é restringir as agonias da dúvida e os perigos da hesitação quando os motivos para a ação forem inadequados” (CLAUSEWITZ, 1984, p. 110).

No entanto isso não é tudo a ser anotado sobre a determinação; dá-se também uma ênfase ao trabalho da mente para sufocar os medos, como é demonstrado a seguir:

É necessário mais do que uma mera combinação de uma perspicácia superior com as emoções adequadas para criar a determinação. Ela é produzida por um *ato mental*. A mente diz ao homem que o arrojo é necessário e dá assim direção à sua vontade. Este tipo especial de mente, que emprega o medo de *vacilar* e de *hesitar* para sufocar todos os outros medos (...). (CLAUSEWITZ, 1984, p. 111)

É preciso um tipo especial de mente para criar a determinação em alguém, de forma a inibir seus medos e dúvidas para agir; portanto, uma mente muito inteligente. Contudo agir sem hesitar cria outro problema na análise: se um homem age sem hesitar, ele não chega nem a refletir, e, se não reflete, não será atormentado pela incerteza, pois “(...) é o resultado médio que indica a existência do gênio militar” (CLAUSEWITZ, 1984, p. 111).

Clausewitz afirma que tal característica fica mais nítida em oficiais modernos, uma vez que, ao atingirem postos mais altos na carreira, perdem-na à medida que tomam decisões instantâneas, por saberem dos perigos da indecisão.

### A energia

A energia é a motivação que os homens encontram em coisas que dão forças para lutar, e, segundo o autor, o que confere mais motivação aos homens é o desejo de honra e de reputação. Esse dom, porém, pode ser confundido com “força de vontade”, o que parece ser a mesma

coisa pela definição. Todavia, na obra, a energia se dá como uma parcela da força de vontade, assim como os próximos dons apresentados, conforme ressalta:

De acordo com as circunstâncias, jornalistas e historiadores especializados em guerra empregaram tais termos como energia, firmeza, constância e equilíbrio emocional. Estes produtos de uma natureza heroica quase que poderiam ser tratados como uma única e mesma força – força de vontade – [...], mas embora intimamente ligados não são idênticos. (CLAUSEWITZ, 1984, p. 112)

Na senda da obra de Clausewitz, pode-se concluir que a força de vontade se desmembra em outros dons, que são analisados separadamente, uma vez que não podem ser tratados como uma força só.

### A firmeza e a capacidade de resistir

A firmeza e a capacidade de resistir são outros componentes da força de vontade, com definições semelhantes, mas com a diferença destacada pelo autor: “Firmeza significa a resistência da vontade a um único golpe. Capacidade de resistir refere-se a uma resistência prolongada” (CLAUSEWITZ, 1984, p. 114).

Uma forte emoção é que dá essa firmeza ao homem, sendo um ato do temperamento; e a inteligência é o que auxilia a força física em uma resistência prolongada. Assim, muitas vezes, como já citado, a inteligência e as emoções trabalham frequentemente em simultâneo.

### A força de caráter

A força de caráter se resume em um dom de autocontrole quando, mesmo sob

uma tremenda pressão, o homem ainda é capaz de continuar a raciocinar. Conforme o autor, “afirmaríamos, portanto, que um caráter forte é um caráter que não pode ser desequilibrado pela mais intensa das emoções” (CLAUSEWITZ, 1984, p. 115).

Esse autocontrole varia de homem para homem, existindo quatro tipos: os que são impassíveis, ou seja, dificilmente reagem a uma pressão externa; os que são sensíveis e calmos, ou seja, inflamam-se facilmente, porém suas emoções não ultrapassam certo nível; os que se inflamam rapidamente e se apagam logo depois; e aqueles que vão se inflamando de modo gradativo e proporcional a forças externas, de forma que isso pode durar indeterminadamente.

Não necessariamente o homem impassível terá uma força de caráter, pois tal qualidade está relacionada à manutenção do equilíbrio entre sentimentos intensos e sua capacidade de raciocínio, visto que “é difícil fazer com que homens impassíveis percam o seu equilíbrio, mas uma total ausência de vigor não pode ser interpretada de fato como sendo força de caráter” (CLAUSEWITZ, 1984, p. 115). A força de caráter está mais presente nos homens do último tipo citado, e todos os outros tipos teriam uma utilidade limitada na guerra.

De acordo com a obra de Clausewitz, a guerra é o lugar das dúvidas e incertezas, e, por isso, ela pode criar armadilhas na mente humana que fazem questionar as nossas convicções; portanto, “dizemos que um homem possui força de caráter, ou simplesmente que ele tem caráter, se ele se agarra às suas convicções (...)”. Esta

firmeza não pode revelar-se, evidentemente, se um homem continua mudando de opinião” (CLAUSEWITZ, 1984, p. 117). É necessário então um alto grau de autoconfiança, demonstrando que “(...) a força de caráter depende de um temperamento equilibrado” (CLAUSEWITZ, 1984, p. 118).

### O senso de localização

O senso de localização teria uma grande valia no campo de batalha, pois garante que o homem saiba se localizar ao criar um mapa mental de uma área, conforme Clausewitz define: “É a capacidade de

perceber rápida e precisamente a topografia de qualquer área que permite que um homem encontre o seu caminho a qualquer momento” (CLAUSEWITZ, 1984, p. 119). Dessa forma, facilitaria e tornaria mais rápida

a tomada de decisões e, assim, permitiria obter vantagem em um terreno.

### *Os Quatro Tipos de Temperamento do Homem: Uma Herança de Kant?*

Uma das características da abordagem de Clausewitz é que ele destaca a existência de uma natureza humana em sua obra, como pôde ser notado nos itens anteriores. Pode-se perceber certa herança das ideias de Immanuel Kant, que, anos antes de Clausewitz, retomou tipologias medievais estabelecidas por Tomás de Aquino acerca de supostas características dos humanos.

Essa influência da filosofia kantiana é muito evidente, sobretudo quando o

**A guerra é o lugar das  
dúvidas e incertezas,  
e, por isso, ela pode  
criar armadilhas na  
mente humana**

general afirma que existem quatro tipos de homens, que reagem de formas diferentes às paixões: os impassíveis; os sensíveis e calmos; os que são inflamados facilmente; e os que são estimulados gradualmente. Em certa medida, há alguma relação, mesmo que aproximada, entre tais tipologias e os quatro tipos de temperamentos propostos por Kant no livro *Antropologia de um ponto de vista pragmático*.

Os quatro tipos de temperamentos retomados por Kant são: sanguíneo, que se relaciona com aquele que se inflama rapidamente e logo se extingue; fleumático, que se relaciona com o impassível; melancólico, que se aproxima daquele que é sensível e calmo; e colérico, que não tem uma aproximação perfeita com o último tipo.

Para Kant, o homem sanguíneo se apresenta da seguinte forma:

O sanguíneo dá a conhecer sua índole nas seguintes manifestações: ele é descuidado e esperançoso; por um momento, dá grande importância a cada coisa e, no momento seguinte, é capaz de não continuar pensando nela. Promete em nome da honra, mas não mantém a palavra, porque não refletiu antes com suficiente profundidade se seria capaz de cumpri-la. (KANT, 2006, pp. 183-184)

Noutros termos, o sanguíneo é instável e, por isso, aproxima-se daquele que inflama e logo apaga. O homem fleumático é conhecido por ser impassível, ou o que não reage às forças externas, como diz Kant:

Fleuma significa ausência de afecção, não indolência (falta de vida), e o homem de muita fleuma nem por isso merece o nome de fleumático ou de um fleumático, que o põe, sob essa

rubrica, na classe dos preguiçosos. Fleuma, como fraqueza, é propensão à inatividade, a não se deixar mover para os negócios nem pelos motivos mais fortes. (KANT, 2006, pp. 185-186)

O homem melancólico, por sua vez, é, de certa forma, o oposto ao sanguíneo, já que:

O propenso à melancolia (não o melancólico, pois isso significa um estado e não a mera propensão a um estado) dá grande importância a todas as coisas que lhe dizem respeito, encontra em toda parte motivos de preocupação e volta a atenção primeira para as dificuldades, assim como, ao contrário, o sanguíneo começa pela esperança de êxito; por isso, aquele também pensa profundamente; este, apenas superficialmente (KANT, 2006, p. 184).

O homem colérico é aquele que se inflama, podendo ter mesmo inclinação à ira; é ambicioso, pragmático e orgulhoso de seus atos. Kant (2006, p. 185) afirma também que o colérico “ama a aparência e a pompa das formalidades”, “preza a ordem” e “é cortês, com cerimônia”. Para Kant, o melhor general seria o colérico. Contudo há ao menos um ponto de afastamento entre Kant e Clausewitz, pois o filósofo racionalista também atribui ao colérico a característica de ter uma “ação rápida, mas não persistente”. Para Clausewitz, ao contrário, o melhor general é aquele que se inflama gradativamente, o que pode durar tempo indeterminado.

Seja como for, o esforço por delimitar essas tipologias é um indício da influência da filosofia kantiana na obra de Clausewitz, sobretudo quando este se refere ao dom da força de caráter.



### ***Como O Gênio Militar Pode Ser Identificado?***

Após a análise das características mais importantes de um gênio militar, muitas delas consideradas como habilidades heroicas, seria conveniente questionar se esses aspectos poderiam ser identificados atualmente, mesmo depois de quase dois séculos da publicação do livro.

Se fossem consideradas apenas essas características, a resposta para esse questionamento provavelmente seria positiva. Todas elas são características que a maioria dos seres humanos poderia desenvolver, algumas com mais facilidade e outras nem tanto, dependendo da personalidade de cada um e de preparação adequada. Por outro lado, de acordo com o que foi analisado, não seria tão fácil identificar um gênio militar, pois seria a prova empírica que acusaria a existência de um.

Clausewitz citou diversas vezes que tais características, além de serem mais comuns em oficiais de menor patente, só seriam evidentes se postas em prática, ou seja, seria necessário observar as pessoas em situações que essas habilidades fossem realmente submetidas a circunstâncias reais. Essas situações deveriam ser, preferencialmente, de perigo, mas, no entendimento do autor, a guerra seria onde tudo ficaria o mais evidente possível. Isso porque, como insiste, a guerra é o lugar do acaso, da incerteza, em que forças físicas e psicológicas põem sua resistência à prova.

Identificar o gênio, sob a visão de Clausewitz, porém, seria se utilizar de uma análise imbuída dos valores da sociedade europeia da época, mais especificamente da sociedade prussiana. É o contexto cultural que delimita o que é ser um gênio, e isto depende dos valores desenvolvidos durante sua formação como indivíduo e na sociedade. Assim, cada sociedade, em

diferentes épocas, pode ter entendimento sobre o gênio de formas diferentes. Dessa maneira, identificadas as pessoas com as características descritas, estas poderiam ser consideradas habilidosas – com inteligência lógica, interpessoal e intrapessoal apuradas –, mas não necessariamente seriam gênios no sentido determinado por Clausewitz.

### **A LEGITIMIDADE DA POSSE DO GÊNIO**

Para Clausewitz, povos considerados selvagens jamais poderiam se tornar líderes militares, tampouco serem considerados gênios militares, justamente por não terem desenvolvimento intelectual. Daí advém a importância das academias militares, criadas no século XVIII e difundidas na centúria seguinte. O autor, então, defende que apenas as sociedades mais desenvolvidas teriam a legítima posse dos gênios militares e dá ênfase aos romanos e franceses, conforme indica na passagem: “a posse do gênio militar coincide com os maiores graus de civilização: as sociedades mais desenvolvidas produzem os soldados mais brilhantes, como nos mostram os romanos e os franceses” (CLAUSEWITZ, 1984, p. 107).

### ***Shaka: Um Selvagem Como Comandante***

John Keegan foi um historiador britânico que escreveu, entre outros, o livro *Uma História da Guerra*, no qual desenvolveu vários temas sobre a guerra e procurou demonstrar a deficiência das análises de Clausewitz. Inclusive, consignou aos seus leitores quatro exemplos de que a cultura (e não a política) é um fator determinante da guerra, ao contrário do que pensava o general prussiano. Em um desses exem-



plos, lembra que “os zulus”, os guerreiros zulus, eram de tribos sul-africanas e “foram de fato guerreiros terríveis” (KEEGAN, 1996, p. 47).

Originados do povo nguni, tiveram contato com europeus, que os descreveram como uma tribo gentil com estrangeiros e aparentemente civilizada; porém “não deixavam de lutar e guerrear” (KEEGAN, 1996, p. 48). Os integrantes da tribo combatiam montados sobre o gado, essencial para eles. Sua prática de guerra seguia, assim, um ritual estabelecido pelas suas tradições e crenças. Mas, de modo contrastante, Clausewitz escreveu uma passagem que se relaciona diretamente com essa temática: “Em qualquer raça primitiva e belicosa, o espírito guerreiro é muito mais comum do que entre os povos civilizados” (CLAUSEWITZ, 1984, p. 107).

Shaka foi o chefe dos guerreiros zulu, da tribo nguni do Norte, responsável por uma grande guinada na cultura de guerra da tribo na qual “esse estilo tipicamente ‘primitivo’ de guerrear foi substituído” (KEEGAN, 1996, p. 48). Como comandante, realizou mudanças extremas em relação ao que seu antecessor havia feito, como os regimentos por idade serem corpos permanentes em acampamentos militares, a invenção da lança de estocar e as táticas de ordem unida.

Com isso, Shaka foi capaz de transformar a sua tribo em uma potência no sul da África e muito temida pelas tribos inimigas, que, muitas vezes, tiveram que buscar refúgio, pois Shaka havia assimilado diversos territórios dessas tribos.

Diante do que foi apresentado sobre os guerreiros zulus no livro de Keegan, é notável como Shaka foi um grande comandante de tribo africana por ter realizado significativa “revolução militar” em seu povo, trazendo inovações em armas,

dispositivos táticos e organizacionais e, assim, alcançando sucesso efetivo em suas campanhas militares. Isso também vai de exato contrário às ideias de Clausewitz, quando este escreveu a seguinte passagem:

[...] nunca encontraremos um selvagem que seja realmente um grande comandante, e muito raramente um que possa ser considerado um gênio militar, uma vez que isto exige um grau de capacidade intelectual que está além de qualquer coisa que um povo primitivo possa desenvolver. (CLAUSEWITZ, 1984, p. 108)

Por um lado, ele atribuiu o desenvolvimento intelectual como um fator determinante para a ocorrência de um gênio. Tendo ocupado cargo de diretor da Academia Militar de Berlim e sendo uma peça importante para uma profunda reforma na estruturação militar de seu país, estaria defendendo o papel das academias militares na formação dos militares. Por outro lado, a razão pela rejeição de reconhecer “selvagens” como grandes líderes militares e até gênios se explica pelo fato de que, à época em que o general prussiano estava escrevendo seu livro, existia uma tendência na Europa de autoafirmação de sua dignidade como civilização perante os outros povos caracterizados como “selvagens”. Numa lógica imperialista, a sociedade detentora da verdadeira fé cristã tinha a missão de levá-la ao resto do mundo, civilizando outros povos.

### *Genialidade e Imperialismo*

Deixar a posse do gênio militar para as sociedades mais “civilizadas” seria, implicitamente, oferecer uma ferramenta discursiva para justificar sua superioridade

sobre diversas outras sociedades, potencializando as razões para o imperialismo.

No *Dicionário Crítico da Revolução Francesa*, aponta-se que Napoleão Bonaparte foi retratado, na época, não exatamente como um gênio militar, pois “revelou-se em seus comunicados de vitória um verdadeiro gênio da publicidade” (FURET E OZOUF, 1989, p. 211). Napoleão, ao criar uma imagem de gênio militar de si mesmo, fez com que sua fama precedesse seus resultados efetivos. Segundo Ricardo Pereira Cabral (2018, p. 263), Clausewitz se inspirou em Napoleão ao escrever o capítulo dedicado ao gênio militar, em que destaca que “do comandante em chefe se espera a compreensão da alta política [...] ou seja, nesse nível, o general é simultaneamente um político”. Logo, o general prussiano esperava que o gênio militar também exercesse alguma função política e entendesse a importância da manutenção de opinião coletiva para o cenário político da época.

## CONCLUSÃO

No presente artigo foram analisadas as características do gênio militar registradas pelo oficial prussiano Carl von Clausewitz. Foi possível concluir que a obra de Clausewitz sofreu uma influência da filosofia kantiana, por tipificar características comportamentais para a natureza humana. Além disso, considera-se que uma pessoa poderia ser portadora das habilidades do intelecto e do temperamento típicos do gênio militar, mas que esta não seria necessariamente um gênio, em função da necessidade de submetê-la a uma experiência real.

Todavia não custa insistir que o conceito de genialidade é uma construção de cada sociedade e, portanto, está sujeito à cultura. Estabelecer uma espécie de lei ou orientação geral que defina o que é o gênio – mais ou menos o que está proposto por Clausewitz – se torna deficiente quanto à possibilidade de transformação da guerra, que requer e exige que o militar apresente habilidades de acordo com a maneira circunstancial com que a guerra é travada, algo sujeito ao tempo, à geografia, aos adversários, à tecnologia etc.

Clausewitz escreveu a partir do contexto que conheceu, com o conceito de guerra iluminista e europeu. Naquela altura, a sociedade europeia se utilizava de certas justificativas para se engajar em uma guerra, como expansão da fé cristã ou necessidade da civilização de “povos selvagens”, por exemplo. Ao escrever que o gênio militar só poderia ter ocorrência em povos mais desenvolvidos, o oficial prussiano estava legitimando a posse do gênio militar às sociedades europeias, as ditas civilizadas e, portanto, oferecia assim mais uma ferramenta para a prática de guerra considerada justa, sobretudo se contasse com a manutenção da opinião pública a seu favor.

Por fim, resta salientar que todas as conclusões obtidas nos levam a crer que a análise enrijecida de Clausewitz é deficiente por não levar em conta as transformações do mundo e das faces da guerra. Depois, ao propor um esquema, ainda que complexo, para definir a genialidade, ignorou, na prática, a força da cultura.

## CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:

<ARTES MILITARES>; Arte da Guerra; Pensamento Militar;

<VALORES>; Princípios da guerra;

## REFERÊNCIAS

- CABRAL, Ricardo. “Um estudo histórico sobre a guerra”, in TEXEIRA DA SILVA, Francisco Carlos; LEÃO, Karl S. Sousa: *Por que a Guerra?: Das batalhas gregas à ciberguerra – Uma história da violência entre os homens*, 1ª ed., Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2018, pp. 253-290.
- CLAUSEWITZ, Carl von. *Da Guerra*. Disponível em: <http://almanaquemilitar.com/site/wp-content/uploads/2014/02/Da-Guerra-Carl-Von-Clausewitz.pdf>. Acesso em: 22 jul. 2021.
- FURET, François; OZOUF, Mona. *Dicionário crítico da Revolução Francesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.
- KANT, Immanuel. *Antropologia de um ponto de vista pragmático*. São Paulo: Iluminuras, 2006.
- KEEGAN, John. *Uma história da guerra*. Tradução de Pedro Maia Soares, São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- LOUREIRO, Marcello. “‘Na perda de opinião, arrisca-se um reino’: historiografia, guerra e opinião coletiva no Antigo Regime”, in *Revista Antíteses*, 13/25 (2020), pp. 21-49. Disponível em: [https://www.academia.edu/43923080/\\_Na\\_perda\\_da\\_opini%C3%A3o\\_arrisca\\_se\\_um\\_reino\\_Historiografia\\_guerra\\_e\\_opini%C3%A3o\\_coletiva\\_no\\_Antigo\\_Regime\\_s%C3%A9culos\\_XVI\\_XVII\\_](https://www.academia.edu/43923080/_Na_perda_da_opini%C3%A3o_arrisca_se_um_reino_Historiografia_guerra_e_opini%C3%A3o_coletiva_no_Antigo_Regime_s%C3%A9culos_XVI_XVII_). Acesso em: 23 ago. 2021.